



Em pronunciamento à nação, dois dias após a derrota de Kamala Harris, o presidente Joe Biden promete transição ordeira, enaltece a democracia americana, garante que as eleições foram limpas e faz ataques velados ao republicano Donald Trump

Saul Loeb/AFP

Pedidos de paz e críticas indiretas

O primeiro discurso de Joe Biden desde a derrota eleitoral de Kamala Harris — sua vice e substituta na cabeça de chapa do Partido Democrata — teve espaço para a defesa de uma transição de poder pacífica, mas também para críticas veladas ao republicano Donald Trump, a quem sucedeu na Casa Branca. O líder democrata lembrou que os norte-americanos sempre escolheram seus governantes em paz.

“Nos últimos 200 anos, os Estados Unidos vêm realizando o maior experimento de autogoverno da história mundial, em que o povo vota e escolhe seus próprios líderes, e o fazem pacificamente. Em uma democracia, a vontade do povo sempre prevalece”, declarou. Biden lembrou que conversou com Trump, na quarta-feira, e assegurou que a mudança de governo será ordeira e pacífica. “Isso é o que o povo merece”, disse o democrata.

O titular da Casa Branca enviou um recado ao presidente eleito, sem, no entanto, citá-lo nominalmente. “Nós aceitamos a escolha que o país fez. Eu disse várias vezes: ‘Você não pode amar seu país quando apenas você vence. Você não pode amar o seu vizinho quando somente você concorda’”, afirmou. “Algo que espero que possamos fazer, independentemente de em quem você votou, é nos vermos uns aos outros não como adversários, mas como concidadãos americanos. Baixar a temperatura”, disse. Segundo Biden, as eleições norte-americanas são “honestas, justas e transparentes”. “Você pode confiar nelas quando perde ou quando ganha”, completou, ao defender que os norte-americanos não podem colocar em cheque a integridade do sistema eleitoral.

Ele prometeu cumprir seu dever enquanto presidente e honrar a Constituição. “Em 20 de janeiro, teremos uma transição pacífica de poder aqui, nos

Estados Unidos”, anunciou, antes de agradecer ao seu gabinete pelos quatro anos de trabalho e reconhecer que foram “tempos difíceis”. “Temos 74 dias para concluir o nosso mandato. Vamos fazer cada dia valer a pena. Essa é a responsabilidade que temos para com o povo americano”, declarou, ao admitir que contratempos são “inevitáveis”.

O presidente enviou um recado aos eleitores de Kamala Harris. “Lembrem-se: uma derrota não significa que estejamos derrotados. Perdemos essa batalha, mas os Estados Unidos dos seus sonhos estão chamando para que se levantem”, disse. “Nós ficaremos bem. Precisamos permanecer envolvidos, precisamos continuar. Acima de tudo, precisamos manter a fé.” De acordo com ele, “os reveses são inevitáveis, mas se render é imperdoável”.

O titular da Casa Branca fez questão de defender o próprio legado. Disse que seus assessores devem se orgulhar pelo

que fizeram e assegurou que deixará o comando do país com a economia mais forte do mundo. “Veremos mais de US\$ 1 trilhão em obras de infraestrutura, mudando a vida das pessoas em comunidades rurais e comunidades que estão em dificuldades reais, porque leva tempo para fazer isso”, avisou.

Elogios

Biden elogiou a vice, Kamala Harris, por ter levado adiante uma “campanha inspiradora”. “Ela tem um ótimo caráter, um caráter verdadeiro. Ela deu todo o seu coração e esforço, e ela e toda a sua equipe devem estar orgulhosos da campanha que fizeram”, disse. Na quarta-feira, Kamala reconheceu a derrota, telefonou para Trump e fez um pronunciamento em que ressaltou que “um princípio fundamental da democracia americana é que, quando perdemos uma eleição, aceitamos os resultados”.

O discurso conciliador de Biden destoou da atitude de Trump em 2020. Após perder a eleição para o atual presidente, o republicano não telefonou para o democrata e abandonou Washington, de helicóptero, na manhã de 20 de janeiro de 2021, ausentando-se da cerimônia de posse. Também incentivou seus simpatizantes a “lutarem como o diabo”, antes de centenas deles invadirem o Capitólio, sede do Legislativo, para tentar impedir a certificação da vitória de Biden.

Nos próximos dias, Biden e Trump ficarão frente a frente pela primeira vez desde o desastroso desempenho do democrata, de 81 anos, em um debate eleitoral que o forçou a desistir da disputa à reeleição e passar o bastão a Kamala, derrotada nas urnas. Até transmitir o cargo para o republicano, especialistas apostam que Biden se tornará uma espécie de “pato manco” — um líder figurativo, incapaz de tomar decisões importantes.



Você não pode amar seu país apenas quando você vence. Você não pode amar o seu vizinho quando somente você concorda”



Em 20 de janeiro, teremos uma transição pacífica de poder aqui, nos Estados Unidos”

Joe Biden, presidente dos Estados Unidos



Ela (Kamala Harris) tem um ótimo caráter, um caráter verdadeiro”

AFP



O húngaro Viktor Orban, anfitrião do encontro: “O mundo vai mudar”

Mobilização europeia

A eleição de Donald Trump se tornou o assunto mais comentado no primeiro dia da V Reunião de Cúpula da Comunidade Política Europeia (CPE), que reúne, desde ontem, em Budapeste, líderes dos países do continente. Com uma agenda formalmente centrada na economia e migração, o encontro foi marcado pela necessidade de demonstrar uma frente unida diante do retorno em breve do republicano à Casa Branca.

“A situação na Europa é difícil, complicada e perigosa”, disse o anfitrião Viktor Orban, primeiro-ministro da Hungria, na abertura do evento. O presidente da França, Emmanuel Macron, declarou que o continente europeu vive um momento “decisivo”. Ainda se recuperando da dura derrota sofrida nas recentes eleições legislativas, ele assinalou que é o momento de recuperar a defesa da autonomia do bloco.

A percepção generalizada, baseada nas declarações de Trump durante a campanha, é que o continente europeu deve mostrar-se unido e estar preparado para dificuldades na área comercial. Em comícios e entrevistas, o presidente eleito dos EUA, que reassumirá o cargo

quatro anos após perdê-lo para Joe Biden, disse que a União Europeia é uma “mini China” que abusa da parceria comercial com os Estados Unidos em busca de superávit comercial.

Trump indicou que cogita a ideia de adotar tarifas de entre 10% e 20% para todos os produtos que entrem no território norte-americano, um cenário que preocupa muitos líderes europeus. “Trabalharemos com boa vontade com o novo governo de Trump”, disse a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen.

“Tenho certa experiência trabalhando com o presidente Trump durante seu primeiro mandato”, lembrou Von der Leyen, acrescentando: “Acredito que é muito importante que analisemos juntos quais são nossos interesses compartilhados.”

Por sua vez, o primeiro-ministro da Grécia, Kyriakos Mitsotakis, comentou que “chegou o momento de nos despertar de nossa inocência geopolítica”. “Devemos ser realistas. Não podemos manter uma parceria transatlântica em uma posição de fragilidade”, comentou o líder grego.

Aceno mútuo para reaproximação

O presidente da Rússia, Vladimir Putin, e o presidente eleito dos Estados Unidos, Donald Trump, indicaram, ontem, a possibilidade de uma reaproximação no novo mandato do magnata republicano. “Se alguém quer retomar o contato, não será um incômodo. Eu estou disposto”, declarou o líder russo durante fórum de discussão Valdai, na cidade russa de Sóchi. “Gostaria de aproveitar essa oportunidade para parabenizá-lo”, acrescentou, que chamou o norte-americano de corajoso.

Trump, por sua vez, sugeriu que provavelmente vai conversar com Putin, segundo a emissora NBC News. Em entrevista, ele disse ter falado “provavelmente” com 70 líderes mundiais desde sua vitória eleitoral, mas não com Putin. “Acho que falaremos”, disse.

Durante a campanha eleitoral, quando o democrata Joe Biden ainda era candidato, Putin havia afirmado que preferia uma vitória do presidente em fim de mandato. Depois, após a desistência de Biden, o russo expressou sua preferência pela vice-presidente Kamala Harris.

Contudo, muitos críticos do Kremlin consideram que Moscou vê com bons olhos as declarações antissistema de Trump, bem como os atritos que ele provoca na política norte-americana e no cenário internacional.

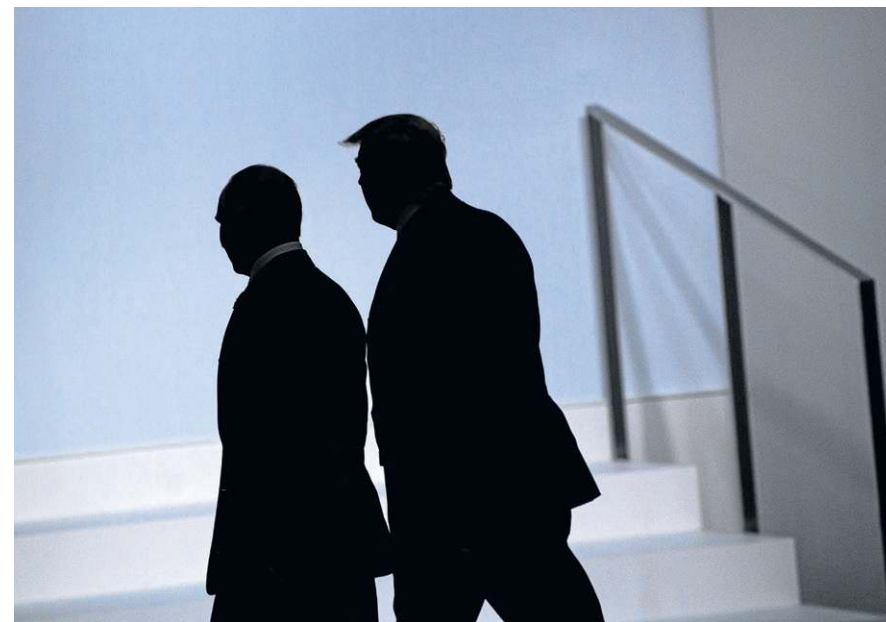
Ontem, Putin enfatizou ter ficado impressionado com o comportamento de Trump durante a tentativa de assassinato da qual foi vítima durante comício, em meados de julho passado, em Butler, na Pensilvânia. “Ele mostrou ser uma pessoa corajosa”, disse Putin.

“As pessoas mostram quem elas são nas circunstâncias extraordinárias. É aí que se revela quem é quem. E ele se comportou, na minha opinião, de uma forma bastante correta, corajosa. Como um homem”, acrescentou Putin.

Guerra

O clima também é amistoso entre Trump e o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky. O retorno do republicano à Casa Branca, porém, aumenta os temores de que Washington retire

AFP



Vladimir Putin (L) e Trump, em 2019, no primeiro mandato do norte-americano

seu apoio a Kiev nos próximos meses.

Ainda na corrida à Casa Branca, o norte-americano disse que poderia acabar com a guerra na Ucrânia em pouco tempo, sem dar detalhes sobre como faria isso. O presidente eleito afirmou ainda que tem um relacionamento “muito bom” com Putin.

“Falei com (o presidente eleito) Trump. Foi uma boa conversa, produtiva, mas não podemos dizer quais ações específicas ele tomará”, comentou Zelensky, ontem, em Budapeste, durante reunião de líderes europeus.

O presidente ucraniano disse que os laços com os Estados Unidos e a Europa não devem ser “perdidos” após a vitória do republicano. Zelensky alertou, ainda, que fazer concessões à Rússia seria “inaceitável” para a Europa, pouco depois de Moscou ter instado as potências ocidentais a negociarem sob pena da “destruição do povo ucraniano”.

Ao discursar, o ucraniano fez um apelo aos EUA e aos aliados europeus para que sejam “fortes” e “valorizem” seu relacionamento. “Falou-se muito sobre a necessidade de ceder diante de Putin, de recuar, de fazer algumas concessões.

Isso é inaceitável para a Ucrânia e inaceitável para toda a Europa”, declarou.

Mais de dois anos e meio após o início da invasão russa da Ucrânia, Moscou está em uma posição de força no front leste, onde seu Exército avança cada vez mais rápido contra tropas de Kiev, menores e menos equipadas. “Não podemos nos limitar a dizer ‘um cessar-fogo agora’ e depois veremos”. Não é viável. Pior, é irresponsável. Precisamos de um plano claro”, disse. “É uma retórica muito perigosa”, acrescentou.

A Rússia pede que a Ucrânia entregue suas armas, ceda cinco províncias e renuncie à sua aliança com as potências ocidentais, assim como sua ambição de integrar a Otan, condições que Kiev considera inaceitáveis.

Tanto os EUA como os países europeus garantiram seu apoio à Ucrânia, mas recusam-se a permitir que esta utilize armas de longo alcance que fornecem para atacar o território russo, por temor de uma escalada. Enquanto isso, Moscou continua seus bombardeios diários à Ucrânia. Na madrugada de ontem, Kiev foi alvo de um novo ataque “maciço” de drones russos.